

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL

S. Paulo, 17 de Março de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

SUMMARIO

| | |
|---------------------------------|------------------------|
| Chronica | DOM FOLIÃO. |
| Egypto | FRANCISCA J. DA SILVA. |
| Teus olhos | HEITOR TELLES. |
| La floraia. versione. | LEONARDO LEONI. |
| Laura | RANDOLPHO SEIXAS. |
| Coleurs nouvelles. | PAUL ARENE. |
| Uma das do padre cura | HYPPOLITO DE CAMARGO. |
| D. Esther | JULIO CESAR DA SILVA. |
| Ciumes | PINUS. |
| Problemas a premio | COCISFRAN. |
| Platéas | LUDOVICUS. |
| Despachos | JOB. |
| Expediente | |
| Noticias intercalas | |

CHRONICA

Dos chronistas o primeiro quero ser e o mais pimpão; por isso venho, lampeiro, chic, e de lyra na mão; visto-me de alegres cores, gravata rubra fluctuante, monoculo provocante, e ao peito um molho de flôres.

Julgas-me o Adolpho? É engano dos teus olhos, leitor meu, que esse bardo feniano faz versos melhor do que eu. Sou um qualquer; porventura isso influe? Claro é que nada. Logo, ao fim da versalhada, tens a minha assignatura.

Não penses, isto advinhar é só para as bruxas velhas; e, á força de matutar podem crescer-te as orelhas.

Vem commigo, meu banana, mas callado qual defuncto que eu vou correr a semana a ver se descubro assumpto.

Domingo: a bella *Revista* na rua Quinze apparece; embasbaca tudo! Em vista do que, mais nada acontece. Valdomiro — dois doutores, um em lettras outro em leis — lá escreve um conto de amores que vale um conto de réis!

Mas não é só; o summario é tal que nem o explico . . . Em fim, um numero rico como os cofres do *Diario*. (Da chronica nada digo, que é para não dizer mal; o Xisto é meu inimigo e eu não sou imparcial.)

Segunda: faz despedida alli no theatro Apollo a Rivero delambida e a Miola sem miolo; vae-se a Palaciôs e o velho actor comico Brandão; veste-se a Arte de vermelho e ri de satisfação.

Chega a todos a alegria, bate palmas toda a gente! Mas no meio da folia lacremeja, um descontente. É o Carneiro, torta a vista, que insulta fados crueis, chorando por uma artista que...lhe filou dez mil réis!

Terça: desde muito cedo, anda banzé lá por cima; e diz o reporter Lima ser coisa de metter medo. É o bom tempo, que idéa! com o tempo mau a brigar, pois ambos querem ficar morando na Paulicéa.

A chuva, emfim, vae-se embora, fugindo, galga as fronteiras; correm-na os clarins da aurora, tocando marchas guerreiras; e o sol que vem, radiante, no céo limpido é tal qual um vivo, enorme diamante n'uma concha colossal!

Quarta: não sei que noticia haja, importante e azada para esta musa inspirada mostrar a rara pericia; mas porque o leitor não berre, invento uma nova aqui: casou o sr. A. R. com d. K. P. C. I.

Realisou-se o casamento com grande solemnidade na igreja d'esta cidade sita ao largo de S. Bento. Mas nem tudo correu bem, pois faltando rima em *agua*, deixou de haver copo de agua aos convivas, que eram cem.

Quinta: ora eu, que sou modesto, confesso aqui á socapa que essas quadras, por funesto acaso, sahiram chapas... Mas um chronista em apertos, não pilhando assumpto á mão, faz chapas, faz desacertos, faz das tripas coração!

Bem melhor talvez seria saltar por sobre o barranco, deixando sem versos, branco, quarta feira, o infeliz dia... Da astucia me vou valer; ó musa você não cante; da quinta nada ha a dizer, por isso, um pulo e — adeante.

Sexta: grande barullhada por causa de um decadista que escreve em certa revista poesia assim começada:

Tinha uma sé illuminada no meu peito
Da qual TU eras a SANTISSIMA SENHORA
Vem um hereje e, sem piedade e sem respeito
Poz tudo em cacos pelo chão com UMA VASSOURA

O Julio n'um prompto apita, chama os guardas o Amadeu, e o coração me palpita porque o poeta sou eu...

Balburdia, gritos, refladas, estardalhaço bofete, um cabo mais um cadete desatam a dar lambada; Ludovicus perde um dente, fica com dois a abanar; — porém não ha, felizmente, desgraças a lamentar.

Sabbado: o acontecimento de mór vulto n'este dia são os versos que apresento ao leitor e companhia. Na prosa já celebrado, vejo agora com prazer que sou um valente, e azado pau para toda colhér.

Sem dictionario de rimas, de que usa tão boa gente, fiz algumas quadras primas, não caibo em mim de contente!

Permitta agora o leitor que do meu posto me arrede e vá com sincero amor limpar a lyra á parede.

DOM FOLIÃO

EGYPTO

No ar pezado, nenhum rumor, o menor grito;
Nem no chão calvo e secco o mais pequeno adorno;
Um velho ibe sómente arranca um raro piorno
Que cresce pelos vãos das lageas de granito.

A aura branda que vem do deserto infinito
Arripia, ao de leve, a agua do Nilo, entorno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto e invade todo o Egypto.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de magua ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E, num sonho tranquillo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer sobre as aguas do Nilo.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

D. Zalina Rolim trabalha numa obra didactica, de que foi encarregada por conhecido educador.

Por signal que as musas já cá nos vieram com queixas...

TEUS OLHOS

Leio em teus olhos, minha filha, poemas inefaveis de ternura. Sinto perpassar suavemente, como sonhos phantasiosos na imaginação ardente do poeta, teus olhos, docemente castos, immaculados, n'uma frescura de luz, branda, tepida como a da Lua, quando mansamente rasga no espaço, cercada de um cortejo austral dos restos das estrellas rutilantes, que estremecem ao contacto do primeiro beijo de uma aurora rubra, carminada, como a dos teus labios!

N'uma contemplação mystica, dolente, perfumada pela saudade de um passado cheio de recordações saudosas, me vêm a mente teu pequenino berço, incomparavel asylo de ternura, de amor, de encantos ternissimos, que tua boa Mãe, balançava, cantando suavemente umas canções apaixonadas, onde toda sua alma de Mãe, encarnação melancolica de seu grandioso coração, todo feito de bondades, de ternuras, ia na cadencia sonora d'essa musica indefinida, que só ella sabe cantar, a luz que pela vez primeira vi sahir das pequeninas orbitas de teus mimosos olhos.

Que emoção phantastica experimentei n'esse instante amoroso; senti a alma desprender-se de seu envolvero, subir as sideraes regiões do infinito, ajoelhar-se nos tapetes rendilhados de estrellas, desse palacio de luz, encanto maravilhoso de um poder supremo, obra agigantada de um genio fidalgo e ainda ahi, no meio de todas essas grandezas, do faiscante esmalte d'essas pedrarias mimosas, phantasticas, opulentemente bellas, nessa confusão enebriante de metaes facetados, formando myriadas de fogos deslumbrantes, chammas maravilhosas quaes as labaredas de um incendio, sobre um oceano agitado pelo rijo estourar das tormentas, ainda ahi, minha filha, só a luz de teus olhos vi, bella, infinitamente pura, esplendidamente casta, a offuscar todo aquelle infinito pejado de riquezas e de luz!

Não sei se foi a mão de alguma fidalga magica, que mergulhando no mar, tirou a concha, onde duas perolas de um azul finissimo, candidamente bello, escondiam-se a medo, quaes recatados pombos no templo branco de seu ninho, arrulando docemente voluptuosas harmonias, palpitantes de luxuria, ao clarão vi vo, intenso, de um raio de amor, que vinha dos beijos apaixonados do seu cantor amante, e que hoje, garbosamente se ostentam, fulgurantes, cheio de vida, no teu candido rosto, qu aes duas luzernas a brilharem nos velludos negros de uma Noite sem fim; ou se foi Deus, eternamente amante de todas as maravilhas que

creou, que não contente com a luz, com que inundou toda a sua grande obra, fez teus olhos, minha filha, d'essa luz indefinida, que vae da terra ao céo, o mysterio que eu não comprehendo, cantado pela sonora ballada d'essa luz suavissima, prodigiosamente bella, que só teus olhos sabem expressar.

Emoção delicada, finamente subtil, estremece minh'alma, despertando o coração embevecido por esse seismar nostalgico, que se embala na enebriante luz de teus olhos, vagamente perdidos n'esse espaço constellado, palpitante de amor, profundamente terno, como um canto mystico vibrado pelas cordas de um violino celeste, em horas mortas da noite, quando a Lua celebra os seus esponsaes com a Terra.

Ai, deixa-me filha, na corrente vertiginosa do meu pensar, levar teus olhos, como santelmos de esperança, em busca de um porto, onde minh'alma vá curar as fundas cicatrizes do coração, enxugar as lagrimas ardentes, profundamente doridas, que com sulcos de sangue me manchou o rosto cavando rugas, envelhecendo-me na quadra primaveril dos meus sonhos, prateando-me a cabeça, já cançada de suportar o peso duro da existencia, amargamente inconstante, cruelmente ingrata!

Ai, deixa-me levar no canto que eu balucio, á calada da Noite, em doce colloquio com o meu travesseiro, envolto no manto casto das minhas orações, saturadas de um perfume intenso do passado, como herança eterna, de uma lição que bebi no leite de minha Mãe, que já havia herdado dos seus ante-passados, essa luz que foge dos teus olhos, como uma claridade branca, esplendidamente branca, lembrando a Via Lactea fujindo das caricias voluptuosas de uma manhã de primavera.

Concede-me, filha, essa luz bemdieta, miraculosa arca de meus sonhos, musica sacra das minhas aspirações, a balançar-se no espaço, correr pelo Universo, subir pelos fluidos do ar, lá ao fóco onde ardes, dando mais brilho a tua chamma, mais intensidade ao clarão que sahe de teus olhos, sol da minh'alma, vida d'essa vida que te dei, arrancando da seiva da minha existencia, toda a pureza, toda a virgindade, toda a nobreza do meu eu!

Tu, minha filha, pela clara luz das estrellas que brilham no empurpuramento das auroras, pela chlorose virgem das steppes da Lua, a derramar no regaço da terra myriades deslumbrantes dos seus raios, aclarando a lapide que encobrir meu corpo, troques essas luzes, que ainda mais hão de escurecer a Noite do meu somno eterno, pela luz dos teus olhos, eternamente castos, infinitamente puros.

HEITOR TELLES.

LA FIORAIA

(Versione di L. Leoni)

Appeso al braccio il gravido paniero,
Segue a passo, tranquilla... Il sole splende...
Vermiglio il labbro, come quel d'un nero,
S'apre qual fior che da lo stelo pende.

Si corca a l'ombra. Un'ape, inquieta, fende
L'aria, ronzando. Un vispo capinero,
Vicino ad essa, schivo, il volo tende,
Saltella, becca, lungo quel sentiero.

A l'orecchio le suona un rumor blando
Di foglie... A poco a poco un sopor leve
Le belle luci sue le va serrando...

Dal piede, allora, delicato e breve,
Le cade tosto un zócolo, mostrando
Il suo piedino candido di neve...

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

LAURA

Em 1892 era eu empregado n'uma casa importadora ingleza, que era tambem agente da Southern Fire Office, importante companhia de seguros londrina. No meu emprego encarregavam-me sempre de examinar os predios segurados, afim de que os proprietarios não lograssem a respeitavel Southern Fire Office.

Esta occupação agradava-me muito, pois, além de me proporcionar varios passeios, dava-me ensejo de conhecer as filhas dos proprietarios, o que, todavia, me deu crueis decepções, porque encontrava, ás vezes, filhas bem pouco bonitas.

* * *

Corria agitado o mez de Abril. A bernarda do dia 10 e as medidas de excepção tomadas pelo governo contra seus auctores eram commentadas segundo as ideias politicas de cada qual.

Na rua, nas confeitarias e nos cafés só se fallava em Macapá, Tabatinga e outros logares, para onde tinham sido desterrados os revoltosos.

N'um d'esses dias, depois de bem almoçado, dirigi-me para o meu trabalho.

Logo na entrada veio a meu encontro Mr. William, meu chefe, que me disse:

— Snr. Randolpho, aqui esteve o Comendador Motta Silva, que deseja segurar o palacete em que reside, por isso queira ir examinal-o.

E' na rua . . . n . . .

Como bom empregado, que me prezava de ser, obedeci immediatamente, reclamando do caixa os nickeis para o bond.

* * *

Apeei-me em frente ao palacete em questão, e em menos de cinco minutos já ouvia do Sr. Commendador a enumeração das salas, quartos e alcovas que havia em seu predio.

Estava quasi me dando por satisfeito, e ia preparar-me para sahir, quando ouvi que de dentro uma voz feminina chamava alguem, que tinha o doce nome de Laura.

Este nome me traz sempre dolorosas recordações; ouvindo-o, lembrei-me logo da Laura Soares, uma linda burguezinha que, durante mais de um anno me amargurára a existencia; e resolvi conhecer a filha do Sr. Commendador, que, naturalmente havia de ser quem possuía tão bonito nome.

Interrompi immediatamente o medalhão que, monarchista impenitente, n'esse momento atacava o governo por ter desterrado o almirante Wandencolk e outros, dizendo-lhe:

Sr. Commendador, as companhias de seguros sempre exigem que se examinem os fogões dos predios segurados, pelo que lhe peço o obsequio de me deixar satisfazer esta clausula.

O Commendador retirou-se para talvez, dar algumas ordens, e logo voltou, dizendo-me que podia acompanhá-lo.

Passando perto de uma alcova, notei que tinha a porta cerrada.

Naturalmente, disse commigo mesmo, é a filha d'este sujeito, que, sabendo que eu ia entrar, foi pôr uma flôr no cabelo...

Um sorriso vaidoso e satisfeito appareceu nos meus labios.

Enveredei para a cosinha, onde uma horrenda copeira lavava a louça que servira no almoço, e eu, com o nome de Laura na mente, fingi que examinava o fogão.

De repente ouvi a mesma voz feminina, que pouco antes me chamára a attenção, bradar:

Laura, escuta!

Ao meu lado uma voz cavernosa respondeu: — Senhora!

Um — oh! — surdo escapou-me dos labios. A Laura era a copeira.

RANDOLPHO SEIXAS.

Heitor Telles, moço experimentado nas lides do jornalismo e ha algum tempo residente em S. Paulo, trata de publicar um volume de contos de sua lavra, sob o titulo geral de *Estilhaços*.

COULEURS NOUVELLES

Elle passait, leste et mutine,
Penchée au bras de son amant,
Et, de sa robe à sa bottine
Tout était rouge également.

La toque, le plumet qui bouge,
Les pompons du corsage neuf,
Tout était rouge, rouge, rouge,
Rouge comme un Quatre-vingt-neuf.

Et, nué de pourpre et de flamme,
Plus flamboyant sur les bras nus,
Son costume chantait la gamme
De tous les tons rouges connus.

Car elle avait eu ce caprice,
Au regard de Paris transi,
Impératrice ou bien actrice,
De s'habiller en rouge, ainsi?

Et les bourgeois se disaient: « Certes!
Toutes ces fanfreluches-là,
Quelque fée ou la reine Berthe
Sur son grand rouet les fila.

« Puis de follets, entre deux danses,
Ont dû, pour trouver ces couleurs
Et ces mirifiques nuances,
Broyer de rayons et de fleurs. »

Non! Berthe n'a plus de quenouille,
La vapeur remplace Ariel,
Et c'est maintenant de la houille
Que l'on nous extrait l'arc-en-ciel.

La vapeur tisse et la chimie
Réveille, apres mille et mille ans,
L'antique lumière endormie
Sous terre, au cœur des blocs pesants.

Et c'est pour que tu t'achemines,
Parée ainsi je ne sais où
Que de noirs mineur, dans leurs mines,
Meurent, cent, d'un coup de grison.

Qu'en penses-tu, Parisienne?...
Mais tu n'as pas le cœur mauvais,
Et, ta pitié sœur de la mienne,
Tu pleureras si tu savais

Qu'aujourd'hui, songeant à ces choses,
Et quand tu riais, un passant
A tes rubans rouges et roses
Crut voir comme un reflet de sang.

PAUL ARENE.

Do *Journal* de 6 de Fevereiro de 95.

S. Nunes, moço que tem collaborado na imprensa paulista, está dando os ultimos toques numa comedia sua — *Os jocotós*, que pretende fazer representar nesta cidade.

O dr. Hyppolito de Camargo teve a gentileza de nos remetter um exemplar da sua obra ultimamente publicada — *Manutenção de direitos*. Agradecidos ao illustre juriconsulto.

Uma das do Padre Cura

IV

A noite ia alta e o frio do inverno, envolto, em densa garôa, dava ares phantasticos ás tremulas chammas que, com reverberações ensanguentadas estalavam pelas trevas do *Morro Vermelho*.

— Camarada!

— Prompto meu commandante!

— Isto aqui o que é?!

— Saberá V. S. que isto aqui é a *Forca!*

— A Forca?!...

E o Major *Septem Prælia*, a tremer convulsivamente, segredou de si para consigo:

— Juro que tenho maleitas! Que frio! que frio de morte!... oh que noitada dos demonios!...

E, depois de curta pausa, erguendo de repente a voz, quasi no tom de um lancinante grito de desespero ganiu para o companheiro:

— Depressa! irrah! avança! corramos! upa, oh camarada de mil diabos!! E, fugindo n'um *marche-marche* velocissimo em demanda da cidade, o soldado conduzia uma lanterna de luz mortica e um reforçado cacete, ao passo que o Major, além da espada invicta e de um par de compridas pistolas á cinta, empunhava uma formidanda móca de peroba, com que ia tac-teando a escuridão do caminho.

De repente, ouvio-se como que o estalar de alguma cousa que rebentou de um modo funesto mesmo ali aos pés dos noctivagos.

— Camarada!! vociferou o Major n'um rompante esgarçado de tremura

— Prompto, meu commandante!!

— Não ouviste nada, desgraçado?!

— Saberá V. S. que ouvi uma cousa!

— Pois bem! cala-te, bruto! atija a vella e passa á esquerda, animal!!!

— Prompto meu commandante!!

No mesmo instante, executada a ordem, novo fracasso percutio com mysterio mais funebre, a pequena distancia dos caminheiros que exhalaram um grito de dor, sentindo o corpo maguado por uma cousa inexplicavel que nesse instante sobre elles cahio.

— Camarada!! cavallão!! bóde de barretina!! ouviste outra vèz?!!

— Saberá V. S. que ouvi, que senti, e até gemi com o meu commandante! e que isto por aqui... está fedendo a enxofre e chifre torrado do tihoso!!!

E o soldado, fazendo a lanterna cabecear na argola, ajoelhou-se e pôz-se a persignar-se com ambas as mãos sem attender ao Major, que berrava como um possesso:

— Passa á direita! passa a esquerda! marcha! róda! coronha de bacamarte! direita, esquerda a volver! espoleta de carabina!! enforco-te! espeto-te! metto-te este mangoal pela cabeça abaixo!! roda! e não rodarás?!!

E esbogalhando o olhar desvairado, já ia o Major a cahir por sua vèz de joelhos ao lado do soldado, quando uma grande pedra manejada por mão certa e occulta, dando na lanterna, esmagou-a, tornando profunda a escuridão.

— Com todos os demonios! com todos os cães do inferno, que desta vèz...

— Prompto meu commandante!!

— Agarra-me, meu amigo! toma-me aos teus hombros porque... olha!... olha, estão a arrastar-me, camarada de minha alma!!! carrega-me! leva-me, que a cousa já está a apertar-me o gasnete e...

E os soluços do invicto militar eram tão suffocados e dolorosas que a *ordenança*, temendo vel-o morrer ali sem mais nem menos, não titubiou um momento em sacudir-se dos seus proprios sustos, para tomal-o aos hombros e metter-se a correr vertiginosamente por ali fóra.

Arremettendo pela estrada n'uma fugida incrível, estupenda, ia o valente soldado a res-sar todas as devoções com que fóra creado, a ver se abafava os gemidos do Major e se escapava á medonha perseguição de pedradas, de gritos, de lamentações, de vaias, de ladainhas, de mementos, emfim desse turbilhão de cousas incompreensíveis mas terrorisantes que lhe ia rodando vertiginosamente em derredor da corrida.

E quanto mais voava o desgraçado, quanto mais o misero buscava levantar o espirito n'uma tremula oração, tanto mais terrivel se tornava este concerto monstruoso, este ataque exacerbado dos desconhecidos furores da noite.

Por fim, depois de ter salvado precipicios, espinheiros e charcos, eil-o que chega desvairado, entontecido, tremelicando de terrôr e suando em bica ao mesmo tempo, ao *Largo de São Gonçalo*, aonde, conseguindo sacudir fóra do costado o miserando Major, mais estupidificado que morto, respirou com força e pôz a examinar-se dos pés á cabeça a vèr si de facto não estava desfalcada a sua integridade hominal.

Neste instante, saindo da umbria da casa do *Conego Ildefonso*, o *Padre Cura*, o *licenciado Aleixo*, o *requerente Bento Bitalha* e o *juiz de paz Chico Fernandes*, e arrodando os noctambululos, não puderam conter as gargalhadas, quando o Major *Septem Prælia*, abrindo a bocca n'um *rictus* de tresloucado, exclamou:

— Senhores! senhores! batemo-nos como uns bandidos! Matamos milhares e milhares de almas penadas! com mil demonios!!... mas... fuja-mos! fuja-mos á galope, porque havia uma tal, a do canalha do *Chaguinhas*, que la estava a desenterrar uma aluvião de almas de outro mundo para nos pregarem uma coça de desancar! e nestes casos, fuja-mos, fuja-mos, amigos que sinão levamos todos o diabo, e...

E o Major, trajando o fardão de grande gala, em cujos hombros tremeluziam os compridos crespos das dragonas aureas, com a grande barretina do penacho vermelho por cima de uma carapuça de baêta escarlata, com as calças arregaçadas e os pés nús mettidos n'uns tamancões, de pistolas, espada e cacête, sentindo-se victima de uma syncope, iria ao chão, se não fossem os braços dos amigos que amparando-o carinhosamente conduziram-no para o sobrado do *conego Fidelis*, o qual attrahido pelas vozes dos amigos, havia, nesse instante, chegado á janella.

Tinha acabado de soar meia noite, e dentro das guaritas que circumdavam a *Cudeia*, em frente á *egreja aos Remedios*, as sentinellas enchiam de ecos somnolentos o *Largo de São Gonçalo*, gritando *alerta!* uma para as outras.

V

No outro dia a cidade, a pacata cidade de S. Paulo, via-se enlevada de gosto, da alegre peça que o bom do *padre Cura* mandára na noite antecedente, os meninos do côro pregar ao valente *Septem Prælia*, la no *Largo da Forca*.

HYPOLITO DE CAMARGO.

Apezar dos nossos esforços e não foi possível darmos no numero de hoje começo ás illustrações promettidas.

Um pouquinho de paciencia, leitores, que nós quando damos a palavra, cumprimol-a.

Publicamos hoje um soneto do poema decadente *D. Esther*, no qual ora trabalha Julio Cesar da Silva, e que será o seu terceiro livro de versos, devendo sahir á luz depois dos *Sarcasmos*.

D. Esther, segundo nos diz o poeta, está sendo tractado com amor, com fogo, retocado de momento a momento nos minimos detalhes, mordido sempre por um burilar zeloso, numa fagueira esperança de acabamento perfeito.

E' de esperar, e de desejar, que o livro faça successo.

D. ESTHER

(Poema mystico do Poeta Julio Cesar da Silva)

VII

Eu não sabia, ao certo, o alcance do meu erro:
O sagião envergou-me a cogúla de frade,
Prendeu-me os pés a uma corrente, e, sem piedade,
Foi-me levando, aos empurrões, para o desterro.

E inda hoje quando penso e os tristes olhos cerro,
Vejo-me, de vagar, num gesto de humildade,
Ir arrastando pelas ruas da cidade
As correntes sem fim dos meus grilhões de ferro.

Olhei a patria, ao longe, a alma em prantos, saudosa,
Como um cão que contempla a lua, preso á tréla.
Lá estava D. Esther, em pleno exilio, anciosa,

Esperando-me... E eu vi nos claros olhos della
A compunção de uma ternura carinhosa
E a bençãam baptismal de uma patria mais bella.

CIUMES

(Uma pagina de 1871)

Pallida mulher perdida nos vagalhões da vida, que viéste ao mundo sem a esperança de um berço que te acalentasse na alvorada da existencia, e que vais morrer sem a certeza de um tumulo que te esconda o corpo apodrecido, pallida mulher, quem disse que os teus beijos não envenenam os labios que te beijam?

E' fingido como tua alma esse carmin provocante da tua bocca, como são mentirosas e falsas todas as lagrimas choradas dos teus olhos, que brilham, mas que mentem, que prendem, mas que profanam em cada olhar!

Pallida mulher, eu posso amaldiçoar os teus labios, que me beijaram; eu devo amaldiçoar os teus olhos, que me mentiram; eu posso profanar a tua alma falsa, que tentou seduzir a minha alma ardente,—a minha alma faminta de affectos grandes. Mas quem ousou dizer que os teus labios não envenenam, quem?

Mentiram-te, pallida mulher, mentiram-te, ou então, algum apaixonado illudiu-se com o fingido carmin da tua bocca, com o brilho falso dos teus olhos, que choram lagrimas que mentem como os teus beijos...

PINUS.

PROBLEMAS A PREMIO

Ninguem decifrou todas as charadas do numero passado. Algumas eram salgadas, valha a verdade.

A de Bisnáo, cuja decifração é Trombeta, e que este collaborador offereceu com premio a parte, foi apenas decifrada por D. Lindinha, a quem enviamos hontem *A familia Medeiros*.

Para hoje as seguintes, de Pingapulha:

2-1-2-1 — Quem tem paixão foi generoso com a creada, que em geral é um poeta.

Invertida: 2 — Vejo em frente
3 — este monte.

1-2 — La não ceifo de fructa.

1-3 — Doente não é, flor, dos pés.

Ao primeiro decifrador: *Um tiro de revolver*, romance por Jules Mary.

E a seguinte de D. Lindinha, que offerece ao primeiro decifrador as *Cartas da Europa*, do Dr. Campos Salles:

2-2 — Tem doçura a mulher querida.

COCISFRAN.

Acabámos de ler este recente e cuidadoso livro de Alphonse Daudet, *La Petite Paroisse*, romance de costumes conjugaes.

O estudo que o consagrado auctor do *Fromont jeune et Risler aîné* faz de Richard Fénigan, o marido trahido, é completo, de um bello lance dramatico. Muito poderíamos escrever sobre esse livro, se o espaço, destinado para esta noticia, não fosse extremamente acanhado.

O character de Lydie, esposa de Richard, a mendiga, como a despeitada Rosine lhe chamava, é uma nota flagrante e viva de arte e observação.

Detalhes encantadores.

O critico diario do *Journal* de Paris, escreveu que algumas pessoas lastimaram que Daudet, prodigo de mais em descripções e pormenores, tivesse alongado tanto a descoberta dos laços de parentesco existentes entre a heroína e o velho mendigo Georges. É de facto um pouco cançativa aquella descripção.

E o velho Napoléon Mérivet, *chevalier de l'ordre de Saint Grégoire-le-Grand*, narrando a Richard, para o consolar, a historia triste dos seus amores, do seu casamento, e da inesperada fuga da sua joven mulher com o amante... Que paginas commovedoras!

Mas a sua cara esposa volta. E... « *Pauvre petite, quel retour! — soluça o pobre Mérivet. — Maigrie, changée, avec ce même rouge sur les pommettes q'on voit aux bijoux des hêtres attaqués par les chareçons, elle échouait de ses six mois d'amour libre, comme d'une sortie d'hôpital.* »

E a mulher morreu em seus braços, pouco tempo depois, nos primeiros dias d'outomno, onde, nos campos desguarnecidos já, os corvos dão logar ás andorinhas.

PLATÉAS

São José. — Descanço...

Apollo. — Fechado.

Polytheama. — Fechado.

SÃO JOSÉ

A Companhia De Mattia estréou sabbado com a *Gioconda*, que foi repetida no domingo. Quarta feira foi cantada a *Favorita* e hoje será levada a scena a *Forza del Destino*. Amanhã, sabbado e domingo... o que a empreza resolver.

Não me resta muito espaço para fazer a critica das peças representadas. (O Maximo acaba de dizer-me que, não fôra esta secção tão apreciada pelos leitores, seria ella eliminada do presente numero da *Revista*, não obstante o apreço que eu lhe mereço, a elle Maximo...) Assim, para não ouvir larachas do snr. Amadeu, que é o mais exquisito e austero dos meus companheiros, direi sómente aos meus leitores da impressão que me deixou a *De Mattia* em sua estréa (Quero com isto dizer que, por qualquer motivo não fui hontem á *Favorita*).

— A *troupe* De Mattia não me desagradou: Concordo até com o publico, que enchia o velho pardieiro cheio de pulgas do Largo Municipal, que os artistas applaudidos na *Gioconda* mereceram bem as palmas com que foram cobertos varios trechos do *spartito* de Ponchielli.

E para que não esteja a furtar espaço á litteratura da *Revista* e o tempo aos meus leitores, ponho nas conclusões abaixo o que penso sobre a *troupe*, isto é que:

— o tenor Elias foi o artista que mais se salientou naquella *serata* d'estréa;

— as snras. Bourmann, Tancioni e Boratti, não são más e não prejudicaram a representação;

— o Cecchini continúa a ser o Cecchini, barytono que o nosso publico conhece de ha muito;

— o baixo Appiani não é de todo ruim;

— os corpos de bailados e de coristas são tão pobresinhos, que, por um *triz*, quasi chamamos miseraveis!

— a orchestra, tendo alguns bons professores, foi, entretanto, o que da *troupe* menos me agradou. (Não posso comprehender, e assim todas as pessoas que sabem o *seu pouco* de musica, como se desrespeita os andamentos de uma opera confundindo o *mosso* com o *piano* e vice-versa, como aconteceram na *Gioconda*, e como se permite que violinos *d'attaque*, passem a ser primeiros e segundos violinos. D'ahi a desordem que reinou na orchestra na noute de sabbado passado);

— a *mise-en-scène*, faz *vis-a-vis* com o corpo de bailados;

— repito o que muitos collegas andaram a dizer da Companhia: *pelo preço* é bem melhor que outras muito mais caras;

— finalmente, como eu ando soffrendo da vista, não pude ainda bem distinguir si na Companhia ha mulheres bonitas...

APOLLO

O Brandão e sua companhia estão em Campinas, desde terça feira.

Como não teve o Brandão, nem a Miola, nem... *ninguem*, a delicadeza de mandar a esta redacção as suas despedidas, só por vingança deixo de dizer o que foi o ultimo espectáculo da Companhia do Lucinda e segredo ao meu leitor, o que desejava enviar, em cartão ao sr. Brandão. Sómente o seguinte:

Ha mais tempo!

(O Minimo veio dezer-me umas cousas a respeito do Araujo Guerra: Deixo para o outro numero a *historia*. — *Seu* Guerra, olhe a pulga atraz da orelha!).

LUDOVICUS.

XIV—III—XCV.

Á ultima hora recebemos communicação de Ludovicus, do maior escandalo possivel, havido no Theatro S. José! A Sura. Bourman protagonista da *Força do Destino*, não sendo applaudida pelo publico, no quarto acto negou-se a cantar. O empresario De Mattia, trouxe-a perante o publico, quasi arrastada, mostrando a má vontade da artista.

Uma pequena pateada não tardou, á qual a pedido de Ludovicus a *Revista Litteraria* mostra sua solidariedade com um entusiasta *Fô-a!*

Aos 6 que fazem parte de Metade da Duzia do Club Tenentes de Plutão, mandamos os nossos cumprimentos pelo esplendido baile que assistimos no sabbado passado.

Alberto Ramos (Marcos de Castro), nosso distincto collega da *Platêa* está satisfetissimo com o acolhimento, merecido, que teve da sua traducção dos *Poemas do Mar do Norte*, de H. Heine. A edição segunda, virá logo com esmero e arte.

Despachos

Sr. John Seltel. — Eu sempre pensei que *côr* de catadura era a mesma coisa que *côr* de burro quando fôge. E vem o meu illustre amigo, e conta-me que as nuvens do céa azul são menos brancas que a catadura da sua amada!

Emfim, pôde ser; que nós estamos no tempo dos assombros, como o que se vê n'uma historia do Cesar (não é o Cantú), na passagem em que homens sem pernas deitam a correr a toda força. Pôde ser; mas além disso, o seu soneto é fraco em todos os sentidos — sem deixar de ter sua scentella, lá isso é verdade.

Exma. sra. d. Cordélia. — Minha senhora! As refrações estheticas e tauromachinas bimbham nos gonfalões tonitroantes das simpathias indefinidas, refrangendo fulgurações que tangem nas esparrelas equóreas scintillações espiritualisadas e tragicas!..

Vê V. Exa. que eu tambem falo difficil. Mas V. Exa. entendeu? E' claro que não. Pois o mesmo se deu com o bellissimo conto que V. Exa. nos enviou. Queira desculpar, minha senhora.

Sr. Clovis. — Que é do *Lotus*? Sem elle nada se pôde fazer.

Jób.

O Commercio de S. Paulo, sem que lhe fizessemos mal algum, deixou de noticiar o recebimento da nossa *Revista*.

Com pezar, temos que corresponder a amabilidade do illustre collega, suspendendo-lhe a remessa da folha.

Certos cavalheiros, poucos, depois de receberem quatro ou cinco numeros da *Revista*, devolveram-n'a á redacção. Em vista do que, annunciamos aqui: caso recebamos outras d'ora em diante, continuaremos a enviar a folha aos devolutores, quer queiram assignar ou não, pois que, com a nossa excellente alma, não os queremos privar d'uma cousa de que dão provas irrecusaveis de gostar.

Vimos transcripto na secção livre dos nossos diarios grande parte da chronica da *Revista* ultima, referente a jogatina do Frontão Paulista.

A proposito: Xisto Lopes, o chronista, agradece á Revisão de algumas folhas a emenda de certos *erros* em que incorreu.

Mais um collega.

Apparecerá em breve nesta cidade um hebdomadario intitulado *Vida Rustica*, organ do Club Caça e Pesca.

O tenente-coronel Leão Sabino tem no prelo, nesta cidade, um livro ultra-atheista, sob o titulo *Deus e Alma*. O auctor é livre pensador, affeito ha longo tempo aos estudos philosophicos.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

O preço das assignaturas, para qualquer parte, será o seguinte:

| | |
|---------------------|---------|
| Serie de 23 numeros | 7\$000 |
| Serie de 47 numeros | 13\$000 |

Prestam-se gentilmente a representar esta folha distinctos cavalheiros, com os quaes se poderá tratar tudo o que com ella se relacione, nos seguinte logares.

S. PAULO

SANTOS.—Alferes João Corrêa de Moraes Junior.

RIO CLARO.—Major José David Teixeira.

ITATIBA.—João de Moraes Luz.

ITÚ.—Theophilo de Arruda.

SOROCABA.—Antonio de Oliveira.

S. CARLOS DO PINHAL.—Agenor Pacheco.

AMPARO.—Alferes Gustavo Pacheco.

JUNDIAHY.—Major Carolino B. de Araripe Sucupira.

DESCALVADO.—Dr. Virgilio Caldas.

MOGY-MIRIM.—Dario Anhaia.

JACAREHY.—Dr. Lamartine Delamare Nog^a da Gama.

RIBEIRÃO PRETO.—Dr. Ildefonso Pereira de Azevedo.

IGUAPE.—Tenente Octaviano Carneiro.

DOUS CORREGOS.—João Sabino Franco.

CAMPINAS. Pedro José Gonçalves.

PARAHYBA.—Vicente Ferreira Nunes.

CAPITAL FEDERAL

H. Lombaerts & Comp., rua dos Ourives, 7.

PARANÁ

CURITYBA.—Dr. Joaquim Miró.

MINAS GERAES

OURO PRETO.—Joaquim Marra.

MARANHÃO

S. LUIZ.—Dr. Herculano Nina Parga.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71-73.

Impresso na Typographia Industrial de S. Paulo
Edictora: Typographia Paulista.